

ENSINAR PARA PROTEGER



Como familiares, cuidadores e profissionais da educação e da saúde podem educar para a prevenção de assédios e abusos contra crianças com desenvolvimento típico e atípico



Introdução

Sabemos que esse assunto não é tão difundido na sociedade como deveria. Por isso, podemos ter dificuldade em educar os pequenos nesse sentido e de uma forma que seja adequada às suas diferentes faixas etárias.



Mas é urgente que encontremos meios de auxiliar nossas crianças a reconhecerem situações que ameaçam sua integridade física e emocional.

Para isso, precisamos não só ensinar conceitos, nomes e termos, mas também ajudá-las a estabelecer noções de respeito, privacidade e segurança. Tudo isso sem fazer alarde ou criar pânico, para não comprometer o seu desenvolvimento e sua percepção sobre as diferentes relações que temos ao longo da vida.

No objetivo de guiá-los neste processo, trouxemos as questões primordiais para serem abordadas nesse contexto. Nossa cartilha é dividida em 8 tópicos:

1. Aprendendo sobre o corpo humano;
2. Estabelecendo a rede de confiança da criança;
3. Criando noções de privacidade e consentimento;
4. Reconhecendo situações de perigo;
5. Aprendendo a reagir;
6. Comportamentos a serem observados;
7. Orientações para crianças autistas do nível 2 e 3 de suporte;
8. Observações importantes.



Vamos lá?

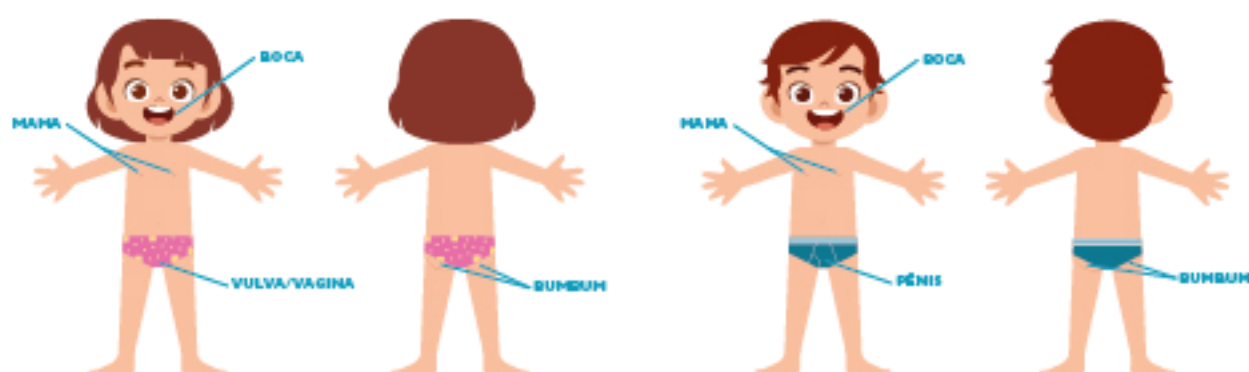


1. Aprendendo sobre o corpo humano

Primeiro de tudo, é importante que a gente nomeie as as partes íntimas do corpo com os seus **nomes reais**. Ou seja:

As meninas e mulheres têm: **boca, mama, vulva/vagina e bumbum**.

Enquanto os meninos e os homens têm: **boca, mama, pênis e bumbum**.



Observação:

A partir de um certo nível de maturidade, abordar os nomes reais nas tarefas do cotidiano (ida ao banheiro, banho) sem "apelidos" vai garantir que a criança tenha menos chances de ser enganada, manipulada ou confundida por outras pessoas. Isso deve ser feito de forma natural, sem alardes – afinal, faz parte da anatomia do corpo humano.

Além disso, pode ser que, em algum momento, a criança pergunte as **funções** das partes íntimas, o que também deve ser explicado de maneira simples:

- **A boca, para comer;**
- **As partes íntimas, para fazer xixi e cocô;**
- **O bumbum, para sentar.**



2. Estabelecendo a rede de confiança da criança

É importante que, além de ensinar os termos corretos, os responsáveis ensinem as crianças que apenas a **MAMÃE**, o **PAPAI** e seus **CUIDADORES** podem tocar nas suas partes íntimas, desde que seja para higienizá-las e com a permissão dos pequenos.

MÉDICOS e **ENFERMEIROS** também podem olhar e tocar, mas só quando for necessário e com a presença do **RESPONSÁVEL**.



Observação: Não deixe de salientar para a criança que, se uma das pessoas dessa rede de confiança tiver qualquer comportamento que a deixe desconfortável, triste e envergonhada, ela deve se afastar e sinalizar outra o mais rápido possível. Isso vale para familiares, amigos e cuidadores.



3. Criando noções de privacidade e consentimento

Esses são dois conceitos fundamentais no processo de educar nossas crianças para se protegerem em situações de perigo.

É essencial lembrá-los que os pequenos aprendem através das atitudes e dos exemplos dos adultos que fazem parte do seu círculo de convivência.

Além disso, são ideias que eles desenvolvem a partir de muitas conversas e demonstrações – ou seja, é importante que esses conceitos sejam aplicados e discutidos no dia a dia, várias vezes.

Sobre privacidade:

- Ensine que apenas pessoas da rede de confiança devem ter permissão para acompanhá-las no banheiro ou vê-las sem roupa, por exemplo.
- Explique também que elas devem respeitar o espaço privado de outras pessoas e dizer “não” quando convidadas para acessá-los.
- Outra coisa importante é educar as crianças sobre a função das roupas íntimas. Elas servem para proteger essas regiões onde não se deve mexer. As meninas usam calcinha, enquanto os meninos usam cueca, e ninguém pode pedir para tirá-las ou ver o que está dentro da roupa.



Sobre consentimento:

- Engana-se quem pensa que isso não pode ser ensinado desde bebê. É indicado durante as trocas de fraldas, que expliquemos em voz alta o que estamos fazendo naquele momento. Assim, ao se desenvolver, a criança cria responsabilidade e noção sobre o seu corpo.
- Sempre peça permissão ou licença para ajudar a criança a se limpar e se trocar. Com isso, a criança vai pensar: se as pessoas da minha rede de confiança me explicam e me respeitam, **TODOS** devem me respeitar.



- Não force a criança a abraçar, sentar no colo ou beijar pessoas.
- Ensine que ela também deve respeitar as vontades de outras pessoas e não forçar contatos físicos, seja em brincadeiras ou em demonstrações de afeto.

Orientações importantes para TODA A FAMÍLIA:

Converse com sua família e outros adultos que fazem parte da vida do pequeno sobre não ensiná-los a **MENTIR** ou **GUARDAR SEGREDO** dos pais. Mesmo que isso seja feito sem nenhuma intenção maldosa, quando ensinamos as crianças de que segredos entre elas e um outro adulto é uma coisa legal, elas podem ser enganadas com mais facilidade e desenvolverem dificuldades para realizar denúncias quando são violadas.



4. Reconhecendo situações de perigo

Quando a criança já adquire certo nível de maturidade, é imprescindível que os adultos de sua rede de confiança a ensinem a desconfiar de algumas situações que parecem inofensivas.

Por exemplo:

- Um indivíduo tenta forçar contato físico (abraços, beijos, sentar no colo, acariciar as pernas);
- Alguém a convida para brincar em sua casa ou em locais onde não há ninguém de sua rede de segurança;
- Um adulto fora da sua rede de segurança se oferece para acompanhá-la no banheiro;
- Algum adulto a chama para “brincar de médico” ou similares;
- Uma pessoa a pede para ver ou tocar as partes íntimas dela ou de outro adulto;
- Alguém pede para filmar ou tirar foto de suas partes íntimas;
- Um indivíduo oferece brinquedos, doces, dinheiro ou similares em troca de “guardar um segredo” ou um “favor”.



Observações Importantes:

- Até mesmo os adultos que fazem parte do convívio ou da rede de confiança do pequeno **NÃO PODEM** fazer carinho, tocar, apalpar ou beijar as suas partes íntimas, mesmo que não exista intenção maldosa. Isso pode confundir a criança a ponto dela deixar qualquer adulto mexer nela.
- São muitas situações diferentes, e se formos listar cada uma delas de uma só vez, a criança se confunde e pode até criar um pânico de se socializar. Por isso a importância de adequar as explicações para cada faixa etária, além de abordar isso no cotidiano, até mesmo por meio de informativos voltados para o público infantil (filmes, músicas).

O mais importante é que a criança faça a assimilação de todas essas situações, que partem de um mesmo pressuposto: nenhum adulto precisa ter contato físico ou desempenhar alguma atividade em que ela se exponha.



5. Aprendendo a reagir

Como falamos, este é um assunto delicado e requer muito cuidado na hora de abordarmos para as crianças. Precisamos ensiná-las sobre cuidado e proteção, mas sem criar nelas um pânico que as impeça de se sentirem bem em diferentes locais.

É por isso que ressaltamos sempre a importância de respeitar o espaço das crianças e seus corpos: pedir licença e permissão para limpá-las; no banho, explicar com calma e sem alardes que o corpo é dela e só quem ela confia pode vê-lo nu ou limpá-lo; a partir de certa idade, perguntar se precisam de ajuda; etc. As crianças devem ser orientadas de que, sempre que elas sentiram medos, devem:

- Pedir **AJUDA**;
- Se afastar da pessoa, mesmo que ela seja da família;
- Incentivar que contem o que aconteceu.

Com isso, a criança vai ter mais facilidade em identificar situações em que um indivíduo não está respeitando o seu espaço e mais confiança para contá-los a sua rede de segurança.

Mas, caso o pequeno se veja em alguma daquelas situações, é preciso que ele saiba também como reagir. É importante adequar cada comando e explicação de acordo com a maturidade do pequeno e sua faixa etária. Outra dica é simplificar esse “guia de ações” para que, nesses momentos, a criança não se deixe levar pelo pânico. Explique:

- Se alguém a **CHAMAR** para fazer qualquer atividade que vai distanciá-la de sua rede de segurança, para ela avisar **IMEDIATAMENTE** e pedir **PERMISSÃO**.



- Se alguém tentar **TOCÁ-LA** de maneira inadequada ou que a deixe desconfortável, para **SE AFASTAR** da pessoa, **GRITAR NÃO** e procurar um adulto de confiança **IMEDIATAMENTE**.
- Se alguém pedir para que **ELA** toque em lugares inadequados, para se **AFASTAR** da pessoa, **GRITAR NÃO** e procurar um adulto **IMEDIATAMENTE**.



Ensine sempre os três pontos principais: **SE AFASTAR, GRITAR NÃO E PROCURAR UM ADULTO**.

Também converse com a criança sobre carinho, afeto, etc. Carinho é uma troca que acontece apenas entre pessoas da confiança dela, da mesma família. Nenhuma pessoa que ela não conhece tem a necessidade de ficar acariciando, ou de colocá-la no colo longe de outros adultos – inclusive os familiares.

Lembre-se também de criar um espaço seguro para a criança compartilhar algo que a está incomodando. Se algo vir a acontecer, não foi culpa dela e ela não será prejudicada no momento de 'resolver' esse conflito.

Mas e se não tiver ninguém da rede de segurança da criança por perto?

Se ninguém em quem ela confia estiver por perto para ajudar, explique que ela pode recorrer à outras pessoas:

- Um outro adulto presente no local;
- Seus professores;
- Figuras de autoridade, como policiais ou bombeiros.



6. Comportamentos a serem observados

As crianças não têm as mesmas ferramentas emocionais e comunicacionais para expressarem seus sentimentos como as pessoas adultas. Muitas vezes, elas não conseguem assimilar alguns episódios que as deixam desconfiadas ou envergonhadas.

Por isso é tão importante criar um espaço em que ela se sinta à vontade para expressar seus sentimentos da maneira que ela consegue, sem julgá-la ou pressioná-la. Isso porque os pequenos, numa situação mais séria de abuso, podem ter medo de explicar esses episódios traumáticos tanto por não entenderem do que se trata, quanto pelas ameaças que podem ocorrer por parte do abusador.

Mas, de todo modo, existem alguns comportamentos importantes que familiares, cuidadores e profissionais podem se atentar mais em relação às crianças. Lembrando que, identificados esses comportamentos, é mais do que fundamental procurar ajuda psicológica e recursos imediatos para investigá-los, de acordo com suas faixas etárias:

Até 4 anos:

- Medo de adultos com características parecidas (por ex.: homens de bigode);
- Medo ou dor na hora de ir ao banheiro ou tomar banho;
- Perturbação do sono;
- Desenhos sexualizados ou que demonstrem medo excessivo (de monstros, por exemplo);
- Comportamentos ou brincadeiras de cunho sexual, inapropriadas para a idade.



Até 6 anos:

- **Limpeza compulsiva;**
- **Crises de raiva;**
- **Conhecimento sexual inapropriado para a idade;**
- **Brincadeiras de cunho sexual com outras pessoas ou com brinquedos (entre bonecos, por exemplo);**
- **Perturbações no sono.**

Até 12 anos:

- **Mudanças no humor;**
- **Medo ou aproximação excessivos de indivíduos específicos;**
- **Mentiras;**
- **Crises de pânico ou ansiedade;**
- **Comportamentos pseudo-maduros;**
- **Queda repentina no desempenho de atividades escolares;**
- **Crises de raiva;**
- **Conhecimento sexual inapropriado para a idade – para além do que é aprendido na escola sobre reprodução, por exemplo.**
- **Perturbações no sono.**



A partir dos 13 anos:

- Mudanças repentinas no humor;
- Afastamento ou sexualização excessiva em relação a outros indivíduos;
- Segredos e mentiras;
- Afastamento e até mesmo raiva repentina dos pais;
- Dificuldade em manter amizades e vínculos afetivos;
- Abuso de substâncias;
- Queda no desempenho escolar;
- Crises de pânico ou ansiedade;
- Comportamentos pseudo-maduros;
- Abuso de outras crianças.

Outros comportamentos para ficar de olho:

Regressão: A criança volta a apresentar comportamentos que já foram superados ao longo do seu crescimento, como começar a fazer xixi na cama novamente, chupar dedo ou usar chupeta, ficar com medo do escuro e outras atitudes que eram comuns quando mais novas.

Problemas de saúde física sem motivo: O abuso pode causar estresse e trauma que, por sua vez, podem desencadear doenças psicossomáticas, resultando em problemas de saúde sem uma causa aparente, tais como dores de cabeça, problemas digestivos, problemas de pele, entre outros.

Sinais físicos de violação: Os sinais mais graves de alerta, que também podem servir como prova em casos de violência sexual, são hematomas e machucados, principalmente na região genital, além do diagnóstico de doenças sexualmente transmissíveis.



7. Orientações para autistas do nível 2 e 3 de suporte

Autistas do nível 2 e 3 de suporte geralmente apresentam mais déficits comunicacionais. Alguns ainda têm outros transtornos associados, como a Deficiência Intelectual. Com isso, nem sempre esses indivíduos terão capacidade de assimilar a seriedade ou explicar episódios de abuso da mesma maneira que os outros.

Mas, mesmo assim, essas pessoas devem ser orientadas independente do seu desenvolvimento, pois elas podem sim aprender meios de sinalizar quando algo não está bem! Aqui vão algumas dicas:

- **Use recursos visuais:** Por apresentarem maior dificuldade na comunicação, a orientação é que os pais usem figuras e histórias sociais para explicar como se protegerem, só que usando mais figuras do que palavras. No site do Instituto Singular, temos tanto uma história social quanto materiais de suporte visual para auxiliá-los nesta tarefa;
- **Palavras mais diretas:** Lembre-se de tornar a explicação mais assertiva e focando na utilização de palavras mais fáceis: **NÃO PODE, NÃO QUERO, AJUDA, SOCORRO**, etc.;
- **Muita atenção:** O fato de um indivíduo ter uma deficiência não anula o seu direito à privacidade e consentimento. Não pense que uma criança **PcD (Pessoa com Deficiência)** não deve receber explicações e orientações sobre o próprio corpo só porque ela aparenta “não entender” ou não se comunica. É um indivíduo que merece ser respeitado por **TODOS**.

Mas como falar disso com a criança autista?

Quanto maior for o nível de suporte, menor será o número de frases e palavras para explicar essas questões. Os adultos precisam ser assertivos e sem justificativas muito longas, que podem atrapalhar o raciocínio do autista e sua compreensão sobre o assunto.



Então, quando for falar das partes do corpo, aponte para o corpo da criança ou para o recurso visual e diga apenas o nome: **BOCA, MAMA, PÊNIS, VULVA/VAGINA, BUMBUM.**

Fale várias vezes, faça a criança **ASSIMILAR** os termos com as partes. Tente fazer com que ela identifique em si mesma essas regiões com o auxílio das imagens. Você pode até pedir para ela apontar para o desenho e depois para si.

Converse com a criança para que ela entenda que aquelas partes devem ficar **SEGURAS** e **GUARDADAS**. Diga:

MEXER → **NÃO**
MOSTRAR → **NÃO**

Balance a cabeça negativamente, faça um x com os braços, ensine a criança a “tirar” a mão de outros quando se aproximam de suas partes íntimas.

Também é interessante ensinar palavras-chave para essas situações: **SOCORRO, AJUDA, NÃO PODE.**

Quando for falar sobre a rede de segurança, aponte para recursos visuais e fale devagar para a criança entender:

— **A mamãe e papai LIMPAM;**
— **A babá LIMPA.**



Não se esqueça de falar que a criança também não pode se expor, ou seja: colocar as partes para fora.

É importante que o pequeno seja corrigido ao se expor mesmo em ambientes e situações em que ele está seguro. Assim, ele vai entender que as partes devem ser expostas apenas no momento da higienização e da troca de roupa, ou seja: no banheiro e no quarto.

Explique, com calma, que as partes íntimas dele devem ficar **GUARDADAS**. Se há algo incomodando, ela deve **APONTAR** ou **SINALIZAR** para o adulto responsável no ambiente.

Lembre-se: como falamos, as crianças e adolescentes autistas também devem ser respeitadas e educadas como as outras não diagnosticadas no espectro. Por isso, os adultos têm o dever de explicar a elas o que estão fazendo quando vão auxiliá-las na sua higiene, além de pedir licença.

Explicar apenas uma ou duas vezes não vai fazer com que elas assimilem a importância de protegerem suas partes íntimas. É essencial falar sobre isso várias vezes. Apontar, auxiliar com essa compreensão.



8. Outras observações importantes

Familiares e cuidadores, atenção:

- Praticar atos libidinosos na presença de menores de idade também é **ERRADO** e pode desencadear traumas e distúrbios. Isso porque nenhuma criança sabe o que está acontecendo naquele momento, além de estar sendo exposta a situações inadequadas.
- O item acima vale também para a exposição a materiais de conteúdo adulto.
- **MUITO CUIDADO** com a televisão e a internet. Conteúdos inadequados chegam aos pequenos das formas mais inimagináveis.
- Se a criança não tem a comunicação desenvolvida suficientemente para explicar o que está acontecendo, procure o apoio de profissionais ou utilize materiais visuais para que ela possa identificar e apontar o que pode ter ocorrido.



Se tiver conhecimento de alguma criança que demonstre estar vivenciando uma situação de abuso, não hesite em contatar a polícia e o conselho tutelar de sua cidade.

Vamos juntos por uma infância feliz, sem traumas e dores.

Produzido e divulgado por Instituto Singular

Redação: Marina Semensato e Gabriella Zavarizzi

Revisão: Mayra Gaiato

Design: Ana Paula Nunes

